

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

**Publicações**

Anuncios, cada linha, typo commun.	20 réis
Comunicados . . . . .	50 "
Reclamos . . . . .	100 "
Artigos . . . . .	200 "

**Assignaturas**

Lisboa, série de 12 numeros . . . . .	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros . . . . .	600 "
Numero avulso . . . . .	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros . . . . .	1.000 "

Quinta feira 13 de agosto de 1896

**RESUMO**

A fortificação improvisada e o tiro moderno, por *M. Garcia*.  
A abertura, por *Luiz Górgão*. Tiro Civil em Bragança. A cordoiz e o defeso, por *Baptista de Sá*. O defeso, por *Anselmo de Souza*. Associação dos Atiradores e Elvis Estrela. Carreira de tiro. Associação protectora da caça em tempo defeso. Club dos Caçadores do Porto: escola de tiro, por *Baptista de Sá*. A phoca. Bibliographia.

**A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA E O TIRO MODERNO**

(Continuado do n.º 72)

**IX**

PELAS experiencias feitas pelo general Brialmont, uma expessura de 0<sup>m</sup>,60 a 0<sup>m</sup>,50 de terra na crista é bastante para proteger contra as balas de espingarda, contra as balas de skrapnels e contra os estilhaços dos obuzes que rebentem na frente da massa cobridora.

A altura da massa cobridora, hoje adoptada mesmo nos exercitos cuja estatura minima seja de 1<sup>m</sup>,55, para todas as trincheiras, cujos defensores atirem individualmente e só n'uma fileira, é de 1<sup>m</sup>,30. Comtudo ella varia com a estatura e disposição dos homens, sendo de 0<sup>m</sup>,60 a 0<sup>m</sup>,70 para o atirador assentado; de 0<sup>m</sup>,80 a 1<sup>m</sup> para o atirador ajoelhado e 1<sup>m</sup>,20 a 1<sup>m</sup>,50 para o atirador de pé; toma-se porem a altura minima para todos os casos, especialmente nos paizes cujos habitantes são de mediana altura.

A profundidade da trincheira não deverá ir alem de 0<sup>m</sup>,40: 1.º porque em muitas localidades a camada de terra cultivada, sobre a qual se encontra varias vezes uma camada dura, não tem mais profundidade; 2.º porque os atiradores quando se collocam em um nivel mais baixo descobrem menos e não batem o terreno tão effizadamente na frente.

Alem de que adoptando esta profundidade média se pode conservar o solo para herma e ter acima d'este nivel um parapeto de 0<sup>m</sup>,80 de altura, que bastará para cobrir os atiradores assentados quando elles inclinem ligeiramente o corpo para a frente.

Quanto á largura, a trincheira deverá ter 2<sup>m</sup> no fundo, afim de abrigar duas fileiras de atiradores e a respectiva fileira supranumeraria; se não tiver esta largura, os graduados tem de unir á segunda fileira ou intercalar-se entre os atiradores, de modo que não poderão vigiar e dirigir os homens na execução dos fogos.

Entre o parapeto e o bordo da excavação que fica para o lado da campanha se deixa uma *berma* de 0<sup>m</sup>,40 de largura, que permite aos defensores da trincheira avançar, seja para tomarem a offensiva seja para mudarem de posição. Permite-lhe tambem assentarem se para se abrigarem das balas, quando não tenham que fazer fogo. A berma é tambem util para suster as terras do parapeto e impedir que ellas desçam para o interior da excavação.

O perfil que aqui apresentámos satisfaz

a todas estas condições, prescriptas por Brialmont, e serve-nos de base ao estudo do nosso assumpto. Este apresenta a bem dizer a disposição normal de todas as trincheiras de batalha adoptadas para o fogo de pé e levantadas sobre um terreno mais ou menos plano e com um campo de tiro na frente, livre de obstaculos que impeçam a vista ao atirador.

Partindo pois do que dissemos, vemos que as trincheiras de batalha deverão satisfazer ás seguintes condições:

- 1.ª Resistirem á penetração das balas d'infanteria e estilhaços dos projecteis d'artilheria.
- 2.ª Cobrirem os defensores tanto quanto possível, sem os impedir de atirar bem.
- 3.ª Não oppõem obstaculo algum aos movimentos offensivos das tropas que as defendem e das que se acham em segunda linha de batalha ou reserva.
- 4.ª Serem de facil execução.
- 5.ª Finalmente, não prestarem abrigo conveniente ao atacante quando este d'ellas se apoderar para as utilisar contra o primeiro defensor.

Ora olhando-se para a figura 1.ª vê-se que a massa cobridora ou parapeito tem 1<sup>m</sup>,50 de largura na base *b b* e 0<sup>m</sup>,50 na sua parte mais delgada, e portanto deve satisfazer este perfil á primeira das condições.

A profundidade da trincheira é de 0<sup>m</sup>,40, sendo a altura do parapeito acima do terreno natural *b* até á crista interior de 0<sup>m</sup>,80; quer dizer, os defensores podem atirar á vontade, ficando bem cobertos qualquer que seja a sua posição quando não façam fogo; parecendo mais natural que n'esta occasião se senlem na herma *b d* ou no revez *r*: segunda condição. A herma *b d* que separa o fosso do parapeito tem 0<sup>m</sup>,30 de largura e serve de degrão para os defensores saltarem para o parapeito quando tenham de recorrer á offensiva, logo satisfaz-se a terceira condição.

Sendo as dimensões do perfil o mais simples possível, esta satisfaz á quarta condição.

Finalmente a quinta condição é satisfeita, porquanto se o aggressor se apoderar da trincheira só a utilisará, cobrindo-se com o parapeito, ou collocando-se na excavação ou terrapleno, e n'um ou outro caso se vê impossibilitado de atirar convenientemente com o corpo apoiado sobre o terreno.

Elle ficando descoberto, com pouco amparo e obrigado a fazer fogo de joelhos, tem de se afastar do parapeito o bastante para não ficar coberto em boas condições; o mesmo lhe succederá no fosso. Vê-se pois que o inimigo quando se servir das trincheiras de batalha contra o primeiro occupante encontra n'ellas um abrigo muito imperfeito e uma insignificante protecção.

Concluindo, diremos que não é de rigor sujeitar as trincheiras de batalha ás dimensões dos diversos perfis, porque a sua construção depende na pratica, das con-

dições do terreno, da natureza d'este e do tempo de que se dispõe, basta que ellas se aproximem quanto possível dos perfis normaes, cujo estudo vamos fazer e que tem por fim fixar idéas sobre cada um d'elles, bem como do tempo gasto para a sua execução.

(Continúa)

M. GARCIA.  
Tenente d'infanteria.

**A ABERTURA**

Est proximo o grande dia! Rejubilam os corações de todos os discípulos de Santo Humberto. E' livre o caçar!!..

Examinae se funcionam bem as agulhas das vossas centraes. Experimentae se as molas das alavancas estão destemperadas ou conservam a sua primitiva acção. Vede se alguns cartuchos que restam da passada epoca tem os fulminantes enferrujados pelo azebre das bigornas de cobre, ou se os involucros se dilataram por não serem bem resguardados das diversas intemperies athmosphericas. Lembrai-vos enfim, que, ficando em casa o extractor podemos lutar com a difficuldade de expulsar d'uma camara um cartucho queimado, e, até mesmo, ficarmos inibidos de fazer fogo com esse cano.

Aos que carregam com auxilio de vareta, esse bello systema que ainda hoje, entre distinctos curiosos conta grande numero de adeptos, a esses, mais que a nenhuns, recommendo rigorosa syndicancia ás suas espingardas.

Ainda mesmo aos mais cuidadosos, aos que as conservam esmeradamente tratadas desde as ultimas lides venatorias, pôde, o acaso, ou a sorte ser adversa; calculem que diminuto attricto é sufficiente para fechar o delicado orificio de um piston inglez? que facil se torna que as cavilhas que prendem o calcedor ou o saca-trapos á vara, estejam leves ou cançadas para nos ficar a espingarda carregada com uma bala de latão ou de ferro?

Qualquer d'estas eventualidades basta para nos fazer perder um ensejo de alvejar uma ou mais peças de caça, pois que infelizmente, dias temos em que perdido esse ensejo, perdida está a caçada d'esse dia.

E' sem duvida, grande o atrevimento do auctor d'estas mal traçadas linhas o querer aconselhar (perdão lembrar), estas minudencias a tão habeis e experimentados curiosos, mas ha tambem os despreoccupados que são, em geral, os mais victimados por essas contrariedades.

Estou informado, e creio bem, que devido á rasgada campanha encetada pelo *Tiro Civil* e seguida com não menos perseverança pelo *Seculo*, *Paiz*, e ainda outros periodicos de cujos nomes me não recordo, com respeito ao defeso, as perdições tiveram em alguns sitios magnificas posturas, respeitadas pelos homens e protegidas pela natureza que tão benigna se

mostrou para as carinhosas mães de tão grandes ranchadas.

O meu fervente entusiasmo pela caça leva-me a sonhar:

Julgo estar vendo a estação de Santa Apolonia (pois é allí que afflue o grosso dos caçadores) ás 7 horas da manhã do dia 15 d'Agosto. A vasta sala de entrada está repleta, a barafunda é grande.

Ao *guichet* onde se faz a venda de bilhetes acotovelam-se os apressados, enquanto que não somenos é a pressa com que são pedidas as guias para cães.

Houve-se a primeira badalada que annuncia a proxima partida.

Então redobram os esforços dos que ainda não podem ter ingresso para a comprida estrada de ferro. Por fim, os bilheteiros conseguem terminar a sua missão, enquanto os moços fecham as portas da entrada principal:

Segunda badalada!

Estamos na gare; os empregados acabam de fechar as ultimas portas das carruagens. A's portinholas apparecem uns rostos risonhos, prazenteiros. Cobrem-lhes as cabeças grandes chapens de largas abas que os hão-de defender um pouco dos ardores raios solares. Compram jornaes os mais sisudos para que a viagem lhes pareça mais rapida, enquanto que os mais expansivos affirmam ir com grande filé na Calhandriz.

São 7 e meia.

Terceira badalada!

Cuve-se o silvo da locomotiva:

Partiram!!!...

Luiz Gorjão.

## TIRO CIVIL EM BRAGANÇA

Resultado da sessão de tiro em 2 do corrente mez

Arma empregada — espingarda (K)<sup>m</sup>/1886 e *Snider*.

Distancias — 100, 200, 300 e 400 metros.

Alvos — normal quadrado e duas figuras deitadas.

Atiradores — 16.

Tiros feitos — 133.

Tiros acertados — 68.

Percentagem do dia — 44,4.

Tempo claro e sem vento.

Entre os que fizeram exercicio a 400 metros e a braços distinguiram-se: Sebastião Lopes que acertou 6 em 6 e João Falcão 4 em 6.

Os que atiraram a esta distancia em cavallette e que tiveram melhores percentagens foram: J. Falcão que acertou 5 em 6 ferindo a *mouche*, C. Lopes e A. Franco que acertaram 4 em 6.

A 100 metros fez a 1.ª sessão o atirador Pires que teve 50 %, e a 500 metros fez fogo o atirador Gouveia que acertou 6 balas em 11 tiros.

Foi interessante o exercicio dos atiradores de 2.ª classe, que tiveram a primeira sessão de — *tiro de applicação*, atirando a 100 metros a duas figuras deitadas. Os que tiveram mais pontos feridos foram: A. Furlado que teve 4 em 6 tiros, S. Macias 3 em 6 dr. Cagigal 6 em 14.

No exercicio d'este dia tivemos occasião de avaliar a pericia do muito illustrado e digno director da carreira de tiro de Lisboa, capitão Alberto José Vergueiro, que assistiu até ao fim, honrando com a sua presença a instrução do distincto grupo dos atiradores civis d'esta cidade, que bem se pôde dizer, que foram os iniciadores d'este melhoramento n'esta terra — que tanto a ennobrece, continuando d'este mo-

do as tradições bellicas dos seus antepassados, cuja indole guerreira se manifestou quer no campo dos combates quer nas festas e divertimentos publicos.

No pendão do seu Municipio lá se vê ainda a imagem do Santo das batalhas — S. Jorge, o *Patroão d'este termo* —, que ha mais de mil annos, segundo dizem as chronicas, fôr escolhido pelos povos d'estes sitios como Protector Celestial nos chamados — *grandes dias de fortuna*.

D'O Nordeste.

## A CODORNIZ E O DEFESO

O facto de ser a codorniz uma ave d'arribação será motivo efficaz para nos levar ao convencimento de que a caça d'essa ave não deve ter *defeso*? Não. Mil vezes não.

O *defeso* não foi estabelecido entre nós, como o não foi em nação nenhuma civilisada, sómente para proteger a caça sedentaria; o *defeso* estabeleceu-se aqui, como se estabeleceu em toda a parte, para obrigar o caçador que não tem o senso intimo, que tem a consciencia larga, ao justo e devido respeito pelas leis da natureza, ao justo e devido respeito pelas leis da criação, e como meio de propagação dos animaes cuja conservação e augmento mais convem ao genero humano.

Foi para isto que o *defeso* se estatuiu e nunca para nos conduzir á irreverencia por aquelles são preceitos dignos de todo o respeito e estima.

O caçador é já contrário á humanidade matando, mesmo no devido tempo, essas aves que, deixando as suas regiões quando lhes são desfavoraveis, nos vem pedir agasalho, nos vem pedir hospitalidade, nos vem pedir, enfim, meios de vida; mas, se caça a codorniz no tempo dos amores, se a mata quando ella procura o nosso clima para se reproduzir, quando anda na postura, quando se entrega ao trabalho da incubação ou acalenta sob as suas azas, com o calor do seu corpo, os seus filhinhos, — o caçador é duas vezes deshumano, d'uma perversidade indisculpavel.

Mas fujamos do campo humanitario, para que nos não acoimem de sentimentalista piégas, ou cousa peor ainda, e encaremos a questão sob o seu verdadeiro aspecto, sob o seu verdadeiro ponto de vista.

Nos mezes d'abril ou maio é que a codorniz, abandonando as terras d'África, procura o nosso clima, mais temperado e propicio á sua fecundação. Umás demoram-se aqui até que sintam nova necessidade de mudar de terra, outras, identificando-se com as condições vitae que lhes offerecemos, fixam aqui a sua residencia, como faz grande parte da sua prole, se sobre ellas não cabe o raio da nossa perseguição.

Imaginemos agora que em parte alguma do globo, onde esta caça existe, se dava *defeso* á codorniz; o que succederia? Inquestionavelmente desapareciam do mundo animal estas estimadas aves e o caçador ver-se-hia privado d'um divertimento interessantissimo que o entretem durante uns poucos de mezes em cada anno, enquanto se não approxima o tempo proprio d'outra caça, como o tempo da gallinhola e da perdiz.

E seria isto só o que viria a acontecer? não nos aconteceria cousa peor ainda? Sim. Um mal muito maior viria sobre nós, um mal horrendo, um mal medonho, um mal que nos impossibilitaria de caçar, porque, derogado que fosse o *defeso* da codorniz,

em toda a parte, era o mesmo que decretar a completa extincção da caça da perdiz, da lebre e do coelho, de toda a caça, enfim, que possuímos.

Consentir ao caçador empunhar uma espingarda em terrenos onde a caça vive de mistura, em terrenos onde se encontra tanto o coelho como a lebre, tanto a perdiz como a codorniz, embora sob a condição expressa, terminante, de só d'ella fazer uso para a caça d'uma determinada especie, importava, indubitavelmente, a licença franca de o deixar caçar a tudo.

Melta a mão na consciencia o caçador que temos por adversario, pense bem, tente, mesmo, contrabalançar o peso da sua argumentação com o da nossa e verá que não pôde conseguir sequer que o fiel da balança accuse a igualdade entre uma e outra, porque ha de inclinar-se, porque ha de pender necessariamente para o lado onde estiver aquella que por nós foi suggerida.

Respeitamos as opiniões de cada um, como desejas que nos respeitem a nossa; permittam-nos porem aquelles que não estão do nosso lado que assim nos manifestemos sobre o *defeso* da codorniz.

Porto, agosto de 96.

Baptista de Sá.

## O DEFESO

E' hoje o ultimo artigo, d'esta secção, que publicamos dentro do tempo *defeso*; desde o 1.º de março, temos acompanhado dia a dia, este altissimo assumpto que importa a abundancia da caça ou a sua extincção. Que temos cumprido o nosso dever, dizem-nos os aplausos de todos os nossos amigos e de muitos a quem não temos a honra de conhecer; se tirámos resultado do nosso trabalho, seja-nos licito supôr que sim, por isso que, tanto na imprensa em que muitos e distinctos collegas nos teem coadjuvado, como nos resultados praticos, em diferentes pontos do paiz, assim nos fazem acreditar.

Este anno avolumaram esses resultados, em comparação com os annos passados, que o digam os infractores, que em Cintra foram presos e multados; que o digam os seus collegas de Evora, Setubal, e aqui em Lisboa; que o digam os que já teem medo e vão á caça ás escondidas; que o diga enfim, todo esse movimento que fica registado no *Tiro Civil* em que se destacam as resoluções das Camaras Municipaes de Villa Viçosa e Evora; as ordens do inspector da fiscalisação do tabaco, sr. Sardinha Caldeira, e muitas outras transmittidas por varias autoridades; fazemos especial menção do sr. Governador Civil de Lisboa, que por muitas vezes ordenou se officiasse ás autoridades, suas subordinadas, para que fizessem cumprir as leis, isto sempre que o distincto magistrado tinha conhecimento d'algum abuso praticado contra o *defeso*. — No domingo, 2 d'este mez, nas proximidades da serra da Mira, foram com muita arte apanhados, n'uma taberna, alguns sujeitos da Porcalhota, que, de manhã tinham sido vistos caçando na serra pelos guardas, que por ordem do sr. administrador de Cintra, ali tinham ido para esse fim. Na occasião de serem presos, tinham um coelho morto, furão, redes, etc.

Repetimos, este anno já alguma cousa se conseguiu, agora entramos no tempo da caça; para o anno luclaremos com mais ardor e temos fé que chegaremos a conseguir que as leis do *defeso* não sejam como até aqui, letra morta.

Caçadores, ao campo, termina no domingo proximo o *defeso*; enebriae-vois nas delicias de uma caçada.

Anselmo de Sousa.

## Associação dos Atiradores Civis Estrella

COMMEMORAÇÃO DO SEU 2.º ANIVERSARIO

Concurso de tiro na carreira de tiro da Guarnição de Lisboa em Pedrouços, em 30 de Agosto de 1896

### PROGRAMMA

Approvado superiormente em Assembléa Geral de 29 de julho de 1896

#### Inscrição

Artigo 1.º—Só podem tomar parte no concurso os socios das associações de tiro e de grupos nacionaes e estrangeiros, matriculados na Carreira de tiro da guarnição de Lisboa.

Art. 2.º—A associação dos Atiradores civis «Estrella» convidando as direcções das outras Associações de tiro civil e Chefes de grupos, sollicitará que lhe enviem até ao dia 28 de agosto, a relação dos seus associados, que, estando nas condições do art. 1.º, desejem tomar parte no concurso.

§ unico—As relações além dos nomes dos atiradores, deverão mencionar o numero da espingarda que cada um prefere.

Art. 3.º—Recebidas as relações, a direcção da Associação de Atiradores civis «Estrella» enviará a todos os inscriptos n'ellas, bilhetes pessoais e intransmissiveis de admissão, os quaes serão no dia do concurso, trocados na Carreira de tiro, pelas respectivas minutas.

Art. 4.º—A inscrição dos socios da Associação de Atiradores civis «Estrella» encerrar-se-ha na vespera do concurso.

#### Jury

Art. 5.º—O jury será presidido pelo Ex.º Presidente da Ex.ª Camara Municipal de Lisboa, no caso que S. Ex.ª se dignar acceder ao convite da Associação e terá por vogaes os Presidentes das associações, Chefes de grupos e dois Officiaes do exercito, cuja nomeação a associação sollicitará de S. Ex.ª o Ministro da guerra.

§ unico—Se qualquer dos Presidentes ou Chefes tiver que tomar parte no concurso, far-se-ha substituir por um associadinho seu.

#### Condições

Art. 6.º—São condições do concurso: 1.º O uso exclusivo da espingarda K 8<sup>mm</sup> m. 1886;

2.º Uma série (1.ª) de 10 tiros de pé; distancia 300 metros, alvo de 1<sup>m</sup>.80 <math>\times</math> 1<sup>m</sup>.80 com um circulo de 1<sup>m</sup>.40 de diametro.

3.º Marcação tiro a tiro, sendo validas só as balas acertadas d'entro do circulo, e marcando-se as outras só para a correção da pontaria.

4.º Uma série (2.ª) de 10 tiros á vontade, distancia 200 metros; alvo, figura de joelhos.

5.º Marcação tiro a tiro.

#### Classificação

Art. 7.º—A classificação será feita pelo numero de balas acertadas nos dois alvos.

Art. 8.º—Em caso de empates, serão estes resolvidos em séries de 5 tiros nos alvos da 2.ª série.

#### Premios

Art. 9.º—O primeiro premio será conferido pela Associação d'Atiradores civis «Estrella».

Art. 10.º—Os premios que porventura sejam offerecidos pelas Associações de tiro ou pelos Grupos, serão numerados pela

ordem de antiguidade das mesmas Associações e Grupos.

Art. 11.º—Os premios offerecidos por particulares, serão pelo jury classificados em seguida a estes.

Art. 12.º—Os tres ultimos premios serão offerecidos pelos tres grupos da Associação de Atiradores Civis «Estrella».

#### Observações

Art. 13.º—O concurso principiará á 4 hora da tarde.

Art. 14.º—Sobre quaesquer omissões n'este programma e em tudo quanto á segurança e regulamentação do serviço interno da Carreira de tiro, a Associação dos Atiradores Civis «Estrella» aguardará as ordens e os conselhos do Ex.º Director da mesma Carreira.

#### Classificação dos atiradores pertencentes á Associação de Atiradores Civis Estrella

Art. 1.º—Segundo as provas dadas no concurso de 30 de agosto de 1896, serão classificados os tres socios da Associação de Atiradores Civis «Estrella», que maior numero de balas tenham empregado nas duas series.

Art. 2.º—Os classificados terão direito a um diploma que a associação lhes concederá.

Art. 3.º—O atirador que em tres dos successivos concursos promovidos pela associação de Atiradores Civis «Estrella», obtiver a classificação a que se refere o art. 1.º, tem direito a uma medalha de ouro, que a associação mandará cunhar especialmente.

Lisboa 29 de julho de 1896.  
O secretario da Direcção—*Thomasz Coelho*.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 9 do corrente dispararam-se 1:030 tiros com o seguinte resultado:

	Disparados	Acertados
Alvo a 100 <sup>m</sup> , normal . . . . .	30	19
» » 200 <sup>m</sup> , » . . . . .	70	48
» » 500 <sup>m</sup> , fig. de joelhos . . . . .	320	102
» » 300 <sup>m</sup> , normal. . . . .	610	200
Total . . . . .	1:030	369

Os cartuchos vendidos foram 960 os restantes tiros tinham ficado de domingo passado.

#### Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Alvo a 200 <sup>m</sup> . . . . .	30 disparados	26 acertados
» » 200 <sup>m</sup> . . . . .	110	42
» » 300 <sup>m</sup> . . . . .	210	95
Total . . . . .	350	163

#### Associação dos Atiradores Civis Estrella

	disparados	acertados
Alvo a 200 <sup>m</sup> , fig. de joelhos . . . . .	40	29
» » 300 <sup>m</sup> , normal . . . . .	210	54
Total . . . . .	250	83

Estiveram tambem bastantes socios dos grupos: *Patria, Atheneu e Suizzo*, e todos fizeram fogo.

O vento estava norte muito rijo, o que muito in fluiu nas percentagens.

Matriculou-se mais um atirador na carreira, o sr. Barnabé Callado, de 25 annos, natural de Santarem.

## ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Na sessão da direcção, no dia 6 do corrente o sr. presidente, communicou que tinha sido recebido pelo sr. Governador Civil do districto de Lisboa, a proposito dos estatutos da associação que já foram entregues no governo civil. O sr. conselheiro Eduardo Segurado, disse que julgava de grande necessidade a criação d'esta associação, por isso que ella vinha prestar um grande auxilio ás auctoridades, velar pela caça, que, alem d'um divertimento é uma riqueza nacional. O sr. pre-

sidente da direcção, disse, que a associação se preparava para o anno encetar uma campanha em forma contra os contraventores do *defeso*. O sr. Governador Civil assegurou que podiam contar com o seu apoio, por isso que era uma causa com que muito sympathisava.

A nova associação fica classificada como *protectora dos animaes*, o que realmente lhe traz grandes vantagens.

Logo que os estatutos estejam approvados, publical-os-hemos para que todos os caçadores tenham occasião de os conhecer.

Os nossos parabens á nova associação.

## CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

### Escola de tiro

Como o *Tiro Civil* tem dado as notas de todos os torneios officiaes e d'exercicio effectuados na nossa Escola de tiro desde que tenho sobre mim o encargo de as transmittir para ahi, não devo deixar que continue no olvido a do torneio de 23 de julho, em que se espingardearam 2 pombos, 5 pardaes, 4 esferas de vidro e 4 d'agua e 3 placas vitreas, cujo resultado foi o seguinte:

Santos Pinto, 17 tiros bons; Antonio Santos, 17; José Pimenta, 16; Alfredo Vianna, 16; Luiz Pinto, 16; Dr. Pedro Ferreira, 16; Baptista de Sá, 16; Heitor Antunes, 16. Carlos Albuquerque, 15; Arnaldo Moraes, 15; Jacintho de Mattos, 14; João Pimenta, 13; Chorão Amaral, 12; Antonio Correia, 11; Francisco Cardoso, 9; Pinto da Fonseca, 7; Dr. Jayme Ribeiro, 8 em 11; Pedro Maria, 3 em 11; Luiz Mexia, 2 em 3.

Depois d'este torneio, anterior ao concurso official de tiro a chumbo, cuja nota já mandei, mais dois se levaram a effecto: um ordinario, pouco concorrido, e outro extraordinario, que decorreu muito animado.

Eis o resultado do primeiro, com 5 pombos, 5 pardaes, 5 esferas de vidro e 6 rodetas argillaceas;

Baptista de Sá, 16 tiros bons; Luiz de Moraes, 15; Santos Pinto, 15; Arnaldo de Moraes, 14; Antonio Santos e Heitor Antunes, 7 em 7 cada um.

O torneio extraordinario, particular, que esteve, como disse, animadissimo, foi inspirado pelo sr. Simeão Cardoso, como premio de consolação para aquelles de quem a infelicidade tem sido companheira, sempre tem entrado em concursos officiaes, e para outros que ainda não tivessem tomado parte n'esses concursos.

Eis o seu resultado, depois de alvejados por cada atirador 4 pardaes, 3 pombos, 3 balões de borracha, 3 esferas e 2 placas de vidro:

Albino Guimarães, 13 tiros bons; Simeão Cardoso, 13; Antonio Silva, 13; Jacintho de Mattos, 12; Arnaldo de Moraes, 9; Antonio Santos, 8; Norberto de Mattos, 8; M. de Mattos, 6; M. Freitas, 5; L. Ignacio, 4; A. Mattos, 3.

\* \* \*

O torneio foi realizado sob a condição expressa, do seu principal promotor, de se não classificarem como boas as aves mortas com o tiro d'emenda, ou, por outra, de serem classificados em primeira plana os atiradores que inutilissem maior numero de alvos com o menor numero de tiros; do que resultou á maior parte dos combatentes figurarem aqui com uma classificação relativamente inferior, que não teriam se lhes não tivessem abatido alguns

pombos e pardaes que mataram, aliás muito bem mortos, do segundo tiro.

Em geral, na nossa escola, fazemos o tiro simples ás esferas, balões, pratos e vidros, e o d'emenda aos pombos e pardaes. Pois, se me pedissem a minha opinião, alguém que a considerasse, já se vê, — em certas occasiões em que tenho visto matar a um caçador do primeiro tiro, e a outro do segundo, — eu não hesitaria um só momento em reconhecer maior pericia no atirador que fez a emenda.

E' certo que mata melhor quem mata, em egualdade de circumstancias, com menos tiros; mas para que se possa avaliar a pericia de um caçador que matou dez peças de caça com dez tiros e a d'outro que com quinze ou vinte derrubou a mesma quantidade, não é só necessario contar o numero de tiros que cada um deu; é preciso tambem conceituar, mas conceituar bem, as condições em que a caça se apresentou a cada um, porque caça ha que se levanta para morrer do primeiro tiro e outra para só morrer do segundo ou de nenhum.

Uma ave, principalmente pequena, fica muitas vezes n'uma clareira do chumbo, sem que o caçador d'isso tenha culpa alguma; quando succede ficar assim do primeiro tiro e é morta, com certa difficuldade, do segundo, eu não posso deixar de considerar esse tiro como um tiro bem feito, como um tiro de mestre, e, portanto, quem o deu como atirador emérito.

O saber emendar, em materia de caça, é uma das coisas mais difíceis; para mim, portanto, o caçador que emenda bem tem muito mais valor do que o caçador que se fica a olhar para a caça que errou do primeiro tiro e que deixa ir sem o segundo porque não sabe ou não tem o habito de fazer emendas.

Quer na nossa Escola, quer no monte, quando se faz um tiro d'emenda bem feito, como alguns que se fizeram no ultimo concurso official, não sei que é, que não posso nunca suffocar um bravo! como não o podem suffocar aquelles que não admittem as emendas; ao passo que quando se vê matar do primeiro tiro, porque uma pomba se veio metter na bocca da espingarda ou porque não ponde levantar-se valentemente, — ou fica tudo calado ou soltam, em vez d'um bravo, uma outra exclamação, significativa d'uma admiração inteiramente contraria áquella, assim como quem quer dizer: melhor fôra que a errasses, que fazias melhor figura.

Não imagine o leitor que penso assim por conveniência propria; não creia que sou d'aquelles que disparam, quasi sempre machinalmente, o primeiro tiro, e que, quasi sempre tambem, se soccorrem do segundo; não posso, todavia, basofiar, nem justificar ufâncias a ninguém, n'esta questão de tiro simples e d'emenda, porque ainda não encontrei caçador nenhum que não emendasse tiros ou, antes, que sempre matasse do primeiro.

Na caça, como no tiro aos pombos, dá-se muitas vezes o facto de não se errar o primeiro tiro, de se empregar, pelo contrario, uma chumbada em cheio, e ser necessario, immediatamente, mandar o tiro auxiliar, para que se não vá embora o pombo ou a caça ferida.

Quando isto succede, porque o chumbo não foi letifero, porque não se collocou á mão, bago a bago, no lado, vulneravel, poderá epithetar se o caçador de menos dextro na arte de S. Luiz?

Sabe-se ainda que uma espingarda *double* tem, geralmente, o cano direito cylindrico e o esquerdo estrangulado, e que,

na abertura da caça, quando esta sahe mais perto, se empregam, no primeiro cano, tiros que disseminem o chumbo e no segundo outros que o concentrem, prevenindo-se, assim, o caçador contra a caça que tem de alvejar perto e a que tem de alvejar longe. Succede, porem, ás vezes, enganar se na distancia ou na escolha do gatilho, e mandar um tiro trocado; mas vendo que a caça não cahiu, emendou e deitou-a abaixo. Deve, por esse facto, chamar-se inhabil ao caçador?

Se o atirador é precipitado, se dispara geralmente o primeiro tiro sem apontar, eu não poderei elogiar-o, embora derrube a caça com o segundo; mas, se pelo contrario, aponta e erra um ou outro primeiro tiro por acaso, matando do segundo heide forçosamente chamar-lhe caçador perito.

Eu tenho ouvido fallar d'um confrade em Santo Huberto, chamado Villarinho, que habita nos montados de Freixo de Numão, no Douro, caçador que ainda não vi caçar mas que conheço por o ter visto já umas duas ou tres vezes. — tenho ouvido fallar d'esse collega, sempre com elogio, e sei que elle diz, seja a quem fôr, que não conta os tiros que dá, nem quer saber se mata do primeiro, se do segundo; o que conta é a caça que põe á cinta: é do que quer saber. E, segundo as tubas da fama, ha pouco quem, n'uma caçada, lhe passe á frente no numero de peças abatidas.

Em todas as sociedades de tiro aos pombos, nunca ninguém se importou, tambem, que eu saiba, com os tiros d'emenda, para o effeito da classificação do merito relativo de cada atirador.

Era, portanto, conveniente que na nossa Escola não se introduzisse a innovação, ha pouco appetecida, ha pouco posta em pratica, visto não haver ninguém que não de-seje matar do primeiro tiro e emendar do segundo, sempre que aquelle não seja seguido de bom exito.

E' esta a minha opinião, que apresento, simplesmente, sem querer, de modo algum, induzir ninguém á sua perfilhação.

(*Continua*)

BAPTISTA DE SÁ.

## A PHOCA

A phoca é o animal providencial dos paizes estereis e desolados da Groenlandia. E' tão indispensavel ao groenlandez como a renna ao laponio, o buffalo ao indiano, o yack ao chinez, o carneiro ou o boi ao europeu.

Os groenlandezes não tem outros campos alem do mar, outras colheitas alem da pesca, outro gado alem das phocas, que precisam ir supprehender, de lança na mão, no meio dos gelos eternos.

Perguntem a um groenlandez qual é o seu alimento e responderá que vive da carne substancial e fortificante da phoca, que o figado, o coração e os pulmões da phoca são o manjar mais delicioso que pôde saborear, que não tem caldo que se compare ao d'essa appetitosa sopa onde se vê o chourico feito com o sangue da phoca.

Perguntem-lhe ainda de que tecido são fabricados os casacos, as calças, o barrete, a capa, a camisa, responderá que tudo é de pelle de phoca. A phoca serve para o vestir como serve para o alimentar. E' ao mesmo tempo fornecedora de fato e comida.

E o emprego do azeite tão precioso da phoca, quantos serviços importantes e diversos presta ao groenlandez!

Este azeite serve para alimentar os candieiros, para preparar os alimentos, para

conservar o peixe secco, para dar aos membros dos pescadores mais elasticidade e vigor.

E' tudo? Não. O groenlandez dirá tambem que com a pelle de phoca faz o tecto da cabana, cobre as canoas em que navega. Accrescentará que com as pequenas fibras da phoca, tão delgadas, tão delicadas, tão finas, faz fio para cozer, tão bom como o fio e a seda dos nossos paizes. Dir-nos-ha finalmente que os vidros da cabana, que o abrigam do vento, da neve e do frio glacial, não são outra cousa mais do que as largas pelles dos intestinos da phoca, preparadas com minucioso cuidado.

Os reposteiros das portas são igualmente feitos de pelle de phoca. E essas bexigas brilhantes, redondas como balões de creanças, symmetricamente penduradas nas paredes, d'onde vem? São bexigas de phoca que contem e conservam azeite de phoca. E esses ossos espalhados sobre uma taboa, para que vão servir? Para fabricar ferramentas de trabalho e utensilios.

E porque razão os ossos da phoca substituiam o ferro, antes d'este metal ser levado para paizes longinquo por ousados pescadores? Será porque antigamente groenlandezes, finlandezes e laponios pagavam o seu tributo em cabos de pelle de phoca, cabos tão apreciados, tão procurados dos scandinavos que se serviam d'elles para segurar os navios ancorados ou para os prender uns aos outros durante as batalhas navaes?

Será porque outr'ora a phoca perfumada com genebra e pacientemente assada deante d'uma grande fogueira de pinho, era um prato magistral muito apreciado nas mesas da velha Inglaterra e da Scandinavia? Será finalmente porque na epoca da conquista do seu paiz por legiões romanas, os guerreiros germanos não se vestiam senão com pelles de phoca?

Os romanos, para dizer a verdade, não deviam ficar muito surprehendidos. Elles proprios se abrigavam sob tendas de pelle de phoca, obedecendo a essa crença supersticiosa de que o despojo d'este animal nunca era ferido pelo raio.

E foi assim que a pelle da phoca teve todas as honras, depois de ter servido de barraca, de fato, de vidros, de cortinas, de saccos, de tecto, de cobertor, de piroga e de pára-raios, e encontramol-a mais tarde na Scandinavia, muito habilmente preparada para receber caracteres e desempenhar o civilizador papel de pergaminho.

Quem não conhece a phoca, esse singular amphibio, que tem parte do quadrupede e do peixe, possuindo quatro barbatanas ou patas que terminam por dedos com unhas extravagantes?

A pelle é bella e finalmente lustrosa, com pintas amarellas; a cabeça redonda, intelligente, com grandes olhos cheios de expressão e meiguice, tem o quer que seja de terno e sympathetic.

Tem apenas um começo de cauda e não tem orelhas. Em compensação vêem-se-lhe compridos e bellos bigodes pendentes como os dos tartaros.

*Continua.*

## BIBLIOGRAPHIA

*Gazette des Carabiniers suisses*, n.º 30 de 25 de Julho de 1896.

*Le Tir National*, n.º 30, de 25 de Julho de 1896.

Editor responsavel—MANOEL AUGUSTO PINTO

TYPOGRAPHIA PEREIRA & FARIA

148 - RUA DA PALMA, - 152